



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

À descoberta da poesia luso-americana: Frank X. Gaspar

Teresa A. F. Alves

Para citar este documento / To cite this document:

Teresa A. F. Alves, "À descoberta da poesia luso-americana: Frank X. Gaspar",
Colóquio/Letras, n.º 183, Maio 2013, p. 36-37.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

À DESCOBERTA DA POESIA LUSO-AMERICANA: FRANK X. GASPAR

NASCIDO NUMA COMUNIDADE piscatória situada na ponta de Cape Cod e descendente de açorianos da Ilha do Pico, Frank X. Gaspar move-se entre culturas com a agilidade de quem aceita como naturais os paradoxos de uma identidade que, ao designar-se americana, responde à multiplicidade de heranças culturais próprias de tal condição. Na introdução à segunda edição do seu primeiro livro de poemas, *The Holyoke* (1988), Gaspar admite que nunca se sentiu «étnico». Isto talvez porque, enquanto Provincetown ia crescendo à sombra das atividades da pesca da baleia — desde meados do século XIX —, a cidade se foi tornando uma espécie de enclave da cultura portuguesa, mais propriamente açoriana, sem que o peso histórico do *Mayflower Compact*, assinado pelos Peregrinos em 1620 à chegada àquele porto de abrigo, despertasse na comunidade portuguesa de Provincetown um sentimento de marginalidade. Nas vivências de Gaspar entrecruzam-se, pois, as duas culturas, a americana da sua formação escolar e universitária, a portuguesa recebida como legado reconhecido, convivendo ambas na sua obra com a naturalidade de quem recorda os costumes e as tradições partilhadas com familiares e vizinhos, e, simultaneamente, percorre o caminho de qualquer criança nascida nos Estados Unidos, participando como cidadão na vida política do seu país, combatendo ao lado de tantos outros na guerra do Vietname, optando, por fim, pela Califórnia, onde se encontra a viver com a mulher e o filho.

Toda a sua produção literária assinala este encontro de culturas em que, por vezes, aparenta prevalecer uma delas, como sucede em *Leaving Pico* (1999), o seu primeiro romance, que tem como tema central a hipótese de a América ter sido descoberta por um antepassado do protagonista, natural do Pico. O próprio autor confessa, na nota pessoal com que o livro encerra, que o movera o desejo de recriar um modo de vida em vias de desaparecimento, o dos antepassados açorianos, e, contudo, para tal recorre a estratégias características da ficção americana sua contemporânea, submetendo a história dos Estados Unidos ao escrutínio que questiona mitos fundadores, sem deixar de os (re)animar nesse processo. *Stealing Fatima* (2009), o segundo romance, urdido em torno das angústias e dúvidas de fé de um sacerdote católico, regressa à herança dos antepassados, mas o desfecho, aproximando a história do protagonista de mitos originários da cultura nativa índia, por um lado, e, por outro, a incursão desse mesmo protagonista nos dilemas espirituais que enredam o universo de Flannery O'Connor nos mistérios do dogma e da salvação católica evidenciam as afinidades de Frank X. Gaspar com autores americanos das mais diversas origens.

Também na poesia, mais visivelmente talvez pela natureza contida de cada poema, se aperceberá o leitor de que, desde o primeiro volume até ao mais recente, *Late Rapturous* (2012), desfruta de uma obra vinculada às tendências da poesia

americana contemporânea, mas a que o legado cultural português inculca um padrão de assinalável singularidade, aliás reconhecido pelos prémios e distinções de que o autor tem sido alvo. Como poeta do seu tempo e fazendo jus à tradição poética que associamos aos Estados Unidos, de Walt Whitman a Frank O'Hara, passando por Hart Crane e Allen Ginsberg, Frank X. Gaspar distingue-se pelo experimentalismo formal, bem como pelo convívio da linguagem do quotidiano com uma rede citacional e alusiva alargada às diversas literaturas a que, desde sempre, se abriu a cultura literária do seu país. No esteio dessa tradição, recorre ao mundo visível como plataforma de acesso ao invisível, e cunha, em estilo reconhecidamente autobiográfico, o desassossego do Eu, que converte em demanda da identidade. Em *The Holyoke*, como, de resto, em *Mass for the Grace of a Happy Death* (1995) ou em *A Field Guide to the Heavens* (1999) ou, ainda, em *Night of a Thousand Blossoms* (2004), o poeta cede não raramente lugar ao contador de histórias, recriando a terra e os costumes dos familiares que assombram o universo pós-moderno do presente. Não se restringem, porém, tais assombrações a memórias desencarnadas, inscrevendo-se, sim, no texto poético como testemunhos identitários.

Gaspar retoma o legado da cultura portuguesa, reformulando-o em articulação com as suas vivências americanas, também no caso dos três poemas aqui traduzidos, fruto de uma oficina sobre «Trânsitos Poéticos Luso-Americanos Contemporâneos» orientada por Margarida Vale de Gato, no âmbito de um Programa Literário Internacional (Disquiet) e dos Cursos de Verão do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (ESCAPE), em Junho-Julho de 2011. Em «Cristo no Mundo da Matéria», é a Crucificação que, em cascata de imagens, se vai despojando dos sentidos tradicionais para em súbita refulgência assumir a forma criadora do artista que esculpiu a Paixão — «todas as paixões anuladas, todas / excepto as do autor anónimo». A poesia, ora em forma de paixão criadora, ora em devolução de sentidos culturais, retoma em «Sermão de Santo António aos Peixes» a fonte bíblica — «Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis» — para a conduzir ao âmago da alegoria em Padre António Vieira e a renovar em sensações luminosas do presente e do futuro em Frank X. Gaspar. Neste se aliam memória e momento vivencial, criando aquela dualidade que percorre toda a sua obra poética e que, no caso de «Uma Testemunha dá a sua versão», é anunciada pela citação de Fernando Pessoa. Poema sobre a contemplação da morte e as recordações espectrais de outros tempos e lugares, é também o que professa a necessidade de refúgio no «lugar conveniente do esquecimento», condição do poeta em busca de si mesmo e ao abrigo de efémeras circunstâncias mundanas.

Teresa F. A. Alves

[A Autora segue a antiga ortografia.]